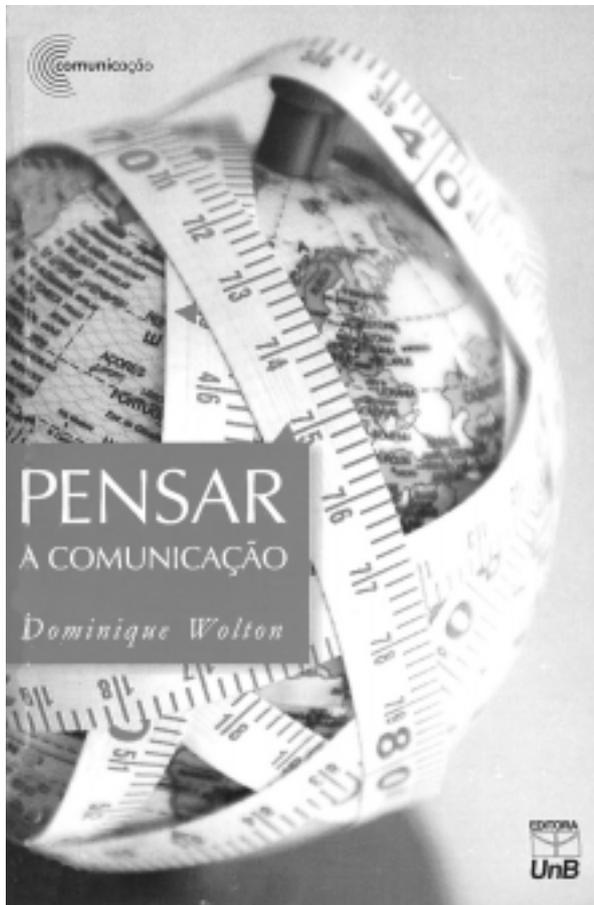


Pensar a comunicação



NÃO SERIA EXAGERO classificar *Pensar a comunicação* (2004) como um livro-síntese da obra de Dominique Wolton e, por isso, um livro necessário para a introdução aos estudos de comunicação. As questões abordadas pelo autor continuam na ordem do dia no campo da comunicação. O mesmo acontece com seus pontos de vista e, conseqüentemente, com os motivos de ataque às suas idéias. Isso já constitui justificativa suficiente para que uma tradução que se efetivou sete anos após o lançamento da versão original tenha validade.

O caráter sintético do livro pode ser apreendido em duas direções. Retrospectivamente, na medida em que *Pensar a comunicação* condensa tópicos desenvolvidos pelo autor em obras anteriores, e projetivamente, uma vez que o autor tenha vindo a aprofundar alguns temas em obras posteriores. Tais aspectos podem ser facilmente percebidos na tradução zelosa do original que o respeita não somente quanto ao seu conteúdo, mas que também prima pela sua forma.

Pode-se falar no aspecto introdutório da obra de dois modos. A abrangência da proposta de Wolton implica o ônus da generalidade. Por outro lado, cumpre bem o papel de apontar caminhos para abordagens possíveis da comunicação. Ainda quanto a esse aspecto, *Pensar a comunicação* mantém uma fórmula útil cara ao autor na medida em que dispõe de um glossário dos principais termos utilizados.

Logo no prefácio do autor, pode-se captar a oposição proposta entre técnica e comunicação humana. Ao afirmar, por exemplo, que “o mais importante, na informação e na comunicação, não são as ferramentas nem os mercados, mas os homens, a sociedade e as culturas” (p.18) Wolton compartimenta aspectos de uma mesma realidade sem evidenciar seus pressupostos. Por outras palavras, o que, exatamente, separaria ferramentas e mercados de homens,

Sandra Portella Montardo

Profa. FEEVALE

sociedade e cultura?

“Por isso, não há comunicação sem uma teoria da comunicação, isto é, sem uma representação das relações humanas e sociais, e, finalmente, sem uma teoria da sociedade e da democracia” (p.18), afirma na frase subsequente. A realidade, sabe-se, é auto-suficiente, prescindindo de toda e qualquer teoria para ser. Aqui, Wolton mostra uma das principais marcas do seu texto: a dificuldade, ou o desinteresse, em contrastar o ser do dever-ser. Ao atacar o que pode ser um mito fundador da comunicação, sem esclarecê-lo em nenhum momento, o autor toma posição, sem antes precisar a questão apontada.

Esse estranhamento parece se atenuar quando fala em seu conceito de comunicação, apresentado logo na introdução geral. Aqui, técnica e economia figuram como a dimensão funcional da comunicação, enquanto a política e o humanismo o fazem como parte da sua dimensão normativa. No entanto, logo na primeira parte do livro, em que aprofunda e relaciona entre si os conceitos de comunicação, democracia e sociedade, Wolton indica que as duas dimensões se misturam permanentemente através das técnicas de informação e de comunicação. Pode-se dizer que esse recurso flexibiliza seu conceito de comunicação, dotando toda a teoria de Wolton de uma versatilidade que o próprio autor parece não reconhecer na medida em que, na maioria das vezes, opõe democracia e técnica, por exemplo.

A segunda parte do livro trata da televisão como promotora do laço social na sociedade individualista de massa. Nesses capítulos, Wolton retoma as idéias presentes em *La folle du logis: la télévisions dans les sociétés démocratiques* (1983) e, principalmente, em *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão* (1996 [1990]), segundo o qual o público é inteligente e deve ser valorizado enquanto telespectador tanto quanto é respeitado enquanto eleitor. Nessa direção, o autor ainda valoriza a televisão generalista em relação à televisão temática, defen-

dendo o papel social das informações e do entretenimento proporcionados a todos, em detrimento do conteúdo que pode ser acessado apenas por alguns. Aqui aparece a idéia de que o papel da comunicação é de gerenciar as diferenças no seio de uma sociedade heterogênea, que daria origem a toda uma série de outras publicações do autor.

Na terceira parte, a partir da relação mais enfática entre comunicação e democracia surge com mais força a letra habermasiana no texto de Wolton ao lhe tomar de empréstimo o conceito de espaço público, introduzindo variações impostas pela sociedade globalizada. Aqui, o autor versa sobre a fronteira entre público e privado cada vez mais problematizada pelas técnicas de comunicação e o perigo que a falta de distância entre emissores e receptores representa. Ainda com relação à ampliação que se assiste no espaço público, Wolton a relaciona com a questão da comunicação política ao apontar para o papel das sondagens e das mídias na construção da democracia, bem como a crise das representações ligada a esse aspecto.

Informação e jornalismo é o tema da quarta parte do livro. Nela, Wolton chama a atenção para as rotinas do jornalista e para a sua responsabilidade num mundo globalizado em que se multiplicam os suportes para as notícias. Para o leitor interessado, questões como essa são ilustradas pelo mesmo autor em *Terrorisme à la une: médias, terrorisme et démocratie* (1987) e *War game: l'information e la guerre* (1991).

Num primeiro momento, a quinta parte do livro parece que vai dar conta do papel das novas tecnologias na sociedade globalizada. No entanto, o autor se atém aos discursos sobre a técnica, ao falar dos estragos da ideologia técnica, de seus principais trunfos (transparência, rapidez e instantaneidade). Da mesma forma, o autor alerta para o perigo das solidões interativas, em que os internautas podem se conectar com o mundo todo sendo incapaz de se comunicar com seu vizinho, numa refe-

rência que soa à ficção científica distópica. A questão da ideologia da técnica pode ser vista na primeira parte da produção intelectual do autor, assim como em *Internet, e depois?* (2003[1999]).

A sexta parte do livro, por sua vez, retoma o livro anterior a *Pensar a comunicação*, intitulado *La dernière utopie: naissance de l'Europe Démocratique* (1993). Nesses termos, há a menção da dificuldade da construção política da Europa desde o Tratado de Maastricht (1992), a função desempenhada pela comunicação como gestora das diferenças identitárias quando confrontada com a história das relações entre as diferentes nações. Questões como a necessidade da passagem do multiculturalismo à coabitação no contexto do espaço político europeu viriam a ser ampliadas em *L'autre mondialisation* (2003) e *Il faut sauver la communication* (2005).

O destaque da conclusão fica por conta dos anexos destinados às ciências da comunicação e aos seus respectivos pólos de investigação no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) ao qual é ligado. Nela, Wolton cita a comunicação como uma área de pesquisa em pleno desenvolvimento, que pode ser apreendido sob três formas: na interface com as neurociências e as ciências cognitivas, na interface entre as ciências cognitivas e as ciências da engenharia e, finalmente, na relação estabelecida entre as ciências humanas/sociais e as técnicas.

Ao se lançar de modo radical sobre pontos considerados naturalizados por muitos, Wolton se oferece ao leitor como um alvo previsível de ataques. Essa condição poderia ser revertida caso o autor deixasse claro que se pronuncia quanto aos discursos sobre as técnicas e quanto aos perigos que estão inseridos neles e não propriamente quanto à realidade em si. Ou, também, se os seus detratores se dessem conta disso. De qualquer forma, suas idéias cumprem o papel de estimular o que deve ser início de qualquer atitude que se volte ao pensamento: a crítica. Com isso, favorece-se a tomada de posição dos participan-

tes do debate. O que, há de se convir, é um bom motivo para dar início à leitura .

Nota

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: UnB, 2004. Traduzido por Zélia Leal Adghirni. Tradução de *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.